

Metáforas multimodais na retórica neopentecostal

Multimodal metaphors in neopentecostal rhetoric

Erik Fernando Miletta MARTINS (UFRN)
erik.miletta@ufrn.br

Marcela Costa de SOUZA (UNICAMP)
marceladesouza27@gmail.com

Recebido em: 31 de ago. de 2022.
Aceito em: 06 de nov. de 2022.

MARTINS, Erik Fernando Miletta; SOUZA, Marcela Costa de. Metáforas multimodais na retórica neopentecostal. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2539, p. 266-286, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32539.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a relação entre metáfora e gestualidade na retórica neopentecostal, a fim de explorar o peso dessa relação como parte fundamental das estratégias de adesão às crenças centrais da Teologia da Prosperidade. Os dados são constituídos por metáforas multimodais associadas a essas crenças e extraídas de cultos religiosos ministrados pelos líderes das duas igrejas neopentecostais brasileiras mais influentes no campo religioso: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Do ponto de vista teórico, o artigo ancora-se junto aos estudos sociocognitivos do texto, campo fértil para um diálogo entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva. Para descrição, classificação e quantificação dos dados, orientamo-nos pela tipologização dos gestos adotada por Miranda e Mendes (2014) e por Kendon (2004). A análise quantitativa indicou, entre outras coisas, predominância de metáforas conceituais orientacionais, processo ilustrado na análise qualitativa de um excerto de cada um dos cultos. As metáforas multimodais, quando empregadas diante da emergência de conceitos ligados à Teologia da Prosperidade, cumprem

importante função na construção referencial desses conceitos para o público-alvo dessa retórica. São, portanto, estratégias argumentativas de grande relevância à retórica neopentecostal, ao fornecerem elementos visuais às metáforas verbais mais elementares dessa teologia.

Palavras-chave: Metáforas multimodais. Conceptualização metafórica. Igrejas pentecostais.

Abstract: The objective of this article is to analyze the relationship between metaphor and gestuality in neopentecostal rhetoric, aiming to explore its weight as a fundamental part of adhesion strategies to its core beliefs. The data is constituted by multimodal metaphors associated to these beliefs and were extracted from religious cults ministered by the leaders of the two most influential neopentecostal churches: the Universal Church of the Kingdom of God and the International Church of God's Grace. From the theoretical point of view, the article anchors itself in the text sociocognitive studies., a fertile field to a dialogue between Textual Linguistics and Cognitive Linguistics. To describe, classify and quantify the data, we were oriented by Miranda e Mendes' (2014) and Kendon's (2004) gesture tipologization. Quantitative analysis indicates, amongst other things, predominance of orientational conceptual metaphors, process illustrated in a qualitative analysis of one excerpt of each cult. Multimodal metaphors, when used in face of the emergency of Prosperity Theology concepts, fulfill an important function in the construction of these concepts' references to the public-target of this rhetoric. They are, therefore, relevant argumentative strategies by offering visual elements to the most elementary verbal metaphors of this theology.

Keywords: Multimodal metaphors. Metaphoric conceptualization. Pentecostal churches.

Introdução

Neste texto, dedicamo-nos à análise de metáforas multimodais no contexto dos sermões proferidos em cultos de duas igrejas neopentecostais brasileiras: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. Seguimos aqui a definição de Forceville (2008) para as metáforas multimodais, nas quais as relações estabelecidas entre os domínios analógicos da experiência são realizadas por, pelo menos, “dois sistemas de signos ou modos de percepção” (FORCEVILLE, 2008, p. 463).

Assim, para fins de análise, caminhamos por alguns dos passos dados por Miranda e Mendes (2014) e observamos duas variáveis: a verbal — associada à modalidade auditiva — e a gestual — associada à modalidade visual. Nossas escolhas residem: i) no papel centralizado das metáforas na organização de um sistema de crenças religioso, em particular, os monoteístas, visto que as metáforas básicas, nesses sistemas, formam um “conglomerado ou rede em que certas metáforas recorrentes tanto organizam metáforas subsidiárias quanto difundem novas” (TRACY apud SACKS, 1992, p. 98); ii) na percepção

trazida por Forceville (2008) de que domínios fonte multimodais têm apelo emocional mais forte, se comparados aos puramente verbais, algo essencial a qualquer discurso retórico fortemente amparado na dimensão do *pathos*.

Nossa ancoragem teórica situa-se junto à abordagem promovida pelos estudos sociocognitivos (Cf. SALOMÃO, 1999, 2005; KOCH; CUNHA-LIMA, 2004; TOMASELLO, 1999; 2014) do texto (Cf. MORATO, 2017; KOCH, 2002, 2004; MARCUSCHI, 2005), na qual o problema da referência, isto é, da forma como damos a conhecer o mundo ao outro, cumpre papel epistemológico central tanto na agenda de estudos sobre o texto quanto na agenda de estudos sobre a relação entre cognição e linguagem. Nesse quadro, a metáfora verbal é reconhecida do ponto de vista linguístico-textual como um processo específico de construção referencial. Por isso, nossa seção de inserção teórica aborda a centralidade epistemológica dos processos referenciais e da referenciação em nosso campo, embora esta não compareça nas análises diante do foco específico na questão da relação entre metáfora e gesto.

A centralidade da questão da referência na agenda de estudos sociocognitivos do texto

O primeiro ponto a ser destacado concerne à centralização da noção de referência e da atividade de referenciação como eixo organizador das reflexões sobre o campo. Essa tendência, notada por Bentes e Alves Filho (2012), aponta-nos como os problemas levantados por trabalhos dedicados ao tema da referenciação norteiam questões teóricas, metodológicas e epistemológicas centrais à agenda de investigação dos estudos sobre texto e discurso. Assim, noções caras à Linguística Textual, como fatores de textualização, gênero, tópico discursivo, intertextualidade, contexto, entre outras, são impactadas por avanços e acordos comuns sobre o problema semântico-textual da referência. Esses avanços e acordos, inclusive, têm efeito similar nos estudos dedicados a entender a relação entre cognição e linguagem, em especial, os dedicados ao estudo de processos como os de categorização, inferenciação, metáfora conceptual, *frames*, entre diversos outros.

Quando depositamos nossas fichas na centralidade do problema da referência, estamos partindo de duas premissas para dar coesão à relação entre texto e conhecimento. A primeira nos diz que **referir é um**

ato primário de dar a conhecer ao outro, pois essa atividade é basilar a qualquer sistema comunicativo, humano ou não-humano. Podemos remeter ao sistema de comunicação entre abelhas, exemplo bastante comum nos estudos linguísticos, ou a descrições bastante atuais dos meios de comunicação entre símios superiores, como as trazidas por Tomasello (2008). A segunda premissa nos diz que **referir é estabelecer meios de organização social para a ação sobre a realidade**, pois, por meio dela, são estabelecidos os elos coesivos fundamentais à ação coletiva.

Composto pelas práticas humanas necessárias à sobrevivência enquanto espécie, o símbolo associado a um objeto ou evento do mundo (seja físico, seja social) é transmitido entre gerações como instrumento no qual estão “incorporados os meios pelos quais as gerações anteriores de um grupo social consideraram proveitoso categorizar e interpretar o mundo para fins de comunicação interpessoal” (TOMASELLO, 1999, p. 11). Remetendo-se a essa perspectiva, em belo escrito de homenagem a Marcuschi, Salomão (2017) discorre sobre a necessidade filogenética do “tornar comum”:

Ao contrário do que pretende o último Chomsky, a comunicação não é um “efeito colateral” da linguagem, mas sua razão de ser. Em outras palavras, são comunicativas as bases da cognição humana (SALOMÃO, 2017, p. 7).

Além dessas premissas, os estudos sociocognitivos do texto assumem que:

1) a referência, como construção intersubjetiva (MONDADA; DUBOIS, 2003), é central ao processo de “negociação da realidade” (GOFFMAN, 1974) ocorrido na interação. Por consequência, há uma instabilidade¹ constitutiva na relação entre as categorias e os referentes. Estes, quando textualizados, adquirem o estatuto de **objetos-de-discurso**, um produto do processo de referenciação e sua contraparte cognitiva, a categorização e a recategorização (MONDADA; DUBOIS, 2003);

2) a referência, como objeto de natureza dual, **é** marcada tanto pela presença de uma “natureza intersubjetiva” — isto é, socialmente compartilhada e responsável por organizar uma matriz pragmática na interação — quanto de uma “natureza perspectival” — isto é, capaz

¹ A tese da instabilidade referencial ganha força quando admitimos: i) que “o discurso constrói os ‘objetos’ a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção” (KOCH, 2002, p. 30); ii) o caráter historicamente situado dos símbolos linguísticos, quando “incorporam uma miríade de maneiras de construir o mundo intersubjetivamente que foram acumuladas em uma cultura através do tempo histórico” (TOMASELLO, 1999, p. 96, tradução nossa).

de direcionar a atenção dos interactantes para maneiras específicas de perceber objetos e eventos do mundo (TOMASELLO, 1999, p. 213);

3) o texto, como um evento comunicativo para o qual “convergem ações cognitivas, discursivas e sociais” (BEAUGRANDE, 1997, p. 26), é atuante enquanto “forma de cognição social que permite ao homem organizar cognitivamente o mundo” (KOCH, 2002, p. 157). Objeto central da Linguística Textual (BENTES; REZENDE, 2014), essa unidade mínima de sentido encontra-se organizada por uma “inescapável solidariedade” entre processos linguísticos e cognitivos (MORATO, 2017) responsáveis pela construção referencial do mundo. Nesse sentido, depreende-se, dessa relação, que a “linguagem, e o texto, estão longe de ser mero reflexo de processos cognitivos, como a categorização, a memória, a sensório-motricidade ou até mesmo a metáfora” (MARTINS; SOUZA, 2020, p. 22), dada a inter-relação funcional, mutuamente constitutiva, entre linguagem e cognição aqui postulada. De onde enxergamos, portanto, a língua está longe de ser mera janela para observação de processos cognitivos;

4) todo texto apresenta uma função comunicativa reconhecível, isto é, um *telos*, um projeto de dizer organizado para atingir determinados fins comunicativos (BENTES; REZENDE, 2014). A intencionalidade é traço prototípico (SANDIG, 2009) do texto, e projetá-la é processo essencial ao evento comunicativo (TOMASELLO, 2014). Essa projeção envolve orientação da atenção — processo esquematizado por Tomasello (1999, p. 98) como “você tem a intenção de que [eu preste atenção a (X)]” — e organiza as demais atividades inferenciais de base textual e contextual (MARCUSCHI, 2008; MORATO et al., 2012).

A metáfora na agenda de estudos sociocognitivos do texto

No quadro em tela, ganha proeminência o estudo sobre a metáfora: i) quando admitimos, junto a Lakoff e Johnson (2002 [1980]), que a natureza da metáfora corresponde à assimilação de uma experiência mais abstrata em termos de uma experiência mais concreta; e ii) quando abraçamos a proposição de filósofos como Vico, Nietzsche, Gadamer e Ricoeur, para quem a linguagem metafórica é como a “linguagem primeira”, e podemos entender como ela é essencial a qualquer processo histórico de fixação de uma referência. Ela é, portanto, processo sociocognitivo elementar à construção textual-interativa da referência.

Há de se notar, contudo, como nossos estudos sobre a metáfora ganham contornos particulares se comparados aos da Linguística Cognitiva, em função: i) da relação mutuamente constitutiva entre linguagem e cognição; e ii) da atuação do contexto (HANKS, 2008 [1999]) na seleção e na saliência de traços dos domínios analógicos das metáforas. Tais princípios nos permitem dizer como o processo inferencial a elas relativo, por exemplo, não recusa o reconhecimento da predominância da influência do domínio fonte sobre o domínio alvo, mas propõe que este também organiza o mapeamento metafórico ao colocar em saliência aspectos específicos do domínio fonte², contextualmente selecionados a partir da projeção da intencionalidade. Essa maneira de trabalharmos sobre metáfora na agenda dos estudos sociocognitivos de crivo textual-interativo autoriza-nos, assim, a entender seu uso como um processo associado a um tipo de ação conjunta (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004), à **inter-ação** por meio da linguagem.

Metáforas multimodais na retórica religiosa: uma hipótese

A dimensão corporificada da cognição humana é entendida como imersa e indissociável às práticas socioculturais, alimentando-as e por elas sendo alimentada. Desse modo, são tratados princípios cognitivos gerais de gradiência, como a metaforicidade (CIENKI, 2008) e a convencionalidade, fundamentais ao desenvolvimento de nossa análise.

Assim, quanto maior for o grau de convencionalidade das metáforas, mais entrincheiradas elas estarão no sistema conceptual, logo, menor atenção será direcionada a elas. Em contrapartida, quanto maior for o grau de novidade das metáforas, menos entrincheiradas elas estarão no sistema conceptual do falante e do ouvinte e, como resultado, maior atenção será necessária à interpretação delas (MIRANDA; MENDES, 2014).

Diante de discursos retórico-argumentativos, compreender uma metáfora significa decidir se concordamos com o **metaforicista** ou se o rejeitamos (BOOTH, 1992). Por isso, trabalhamos com a hipótese de que o recurso à metáfora multimodal na retórica neopentecostal atuaria como estratégia persuasiva junto a conceptualizações metafóricas próprias à Teologia da Prosperidade. Afinal, estamos falando de um

² Aspectos mais específicos sobre a relação entre texto, contexto e metáfora podem ser vistos em Martins (2021).

sistema de crenças religiosas de notável expansão no Brasil dos últimos vinte anos — tanto em ambientes religiosos como seculares (MARIANO, 2013; MARTINS, 2015) — apoiado na ideia de que os “verdadeiros cristãos” têm o direito a reivindicar e gozar de bens materiais resultantes de uma sociedade com Deus (MARTINS, 2011).

Isso posto, nossa hipótese é de que o recurso à multimodalidade é empregado nos sermões neopentecostais como importante recurso de direcionamento da atenção da plateia local e virtual com vistas à incorporação de conceitos afeitos a essa teologia. Cumpre parte essencial, portanto, no projeto retórico neopentecostal — um projeto fundamentalista de expansão e consolidação dessas crenças por meio da inserção de atores em todas as esferas institucionais de poder, como a mídia e o Estado (MARTINS, 2021) — para conquistar “corações e mentes”. Desse modo, averiguar, ainda que em caráter amostral, o grau de convencionalidade e de metaforicidade desses conceitos é etapa inescapável para compreendermos a efetividade da metáfora nessa eficiente retórica.

Dimensões metodológicas

272

A análise ora empreendida deu-se a partir de dados provenientes da transcrição multimodal de dois cultos neopentecostais televisionados, um da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e outro da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD). À condição de serem televisionados, atribuímos uma dimensão retórica tanto voltada ao público-alvo presente nos cultos quanto a potenciais fiéis não presentes, um “auditório universal”.

O culto da IURD foi ministrado pelo Bispo Edir Macedo — líder-fundador — no ano de 2017 no Templo de Salomão, atual sede da igreja, e é parte de um programa maior, o “Santo culto em seu lar”. A obtenção desse material deu-se via *download* deste registro disponibilizado no canal de Youtube dessa congregação³. Já o culto da IIGD é parte do programa “Show da fé” e foi ministrado no ano de 2017 pelo líder-fundador dessa denominação, o Missionário R.R. Soares, tendo sido obtido da mesma maneira que o anterior⁴. Ambos os registros foram

³ A íntegra deste material pode ser obtida no seguinte endereço eletrônico: https://www.mediafire.com/file/2v263pfryjb76b1/SANTO_CULTO_COM_BISPO_MACEDO_-TEMPLO_DE_SALOM%25C3%2583O_%25282017%2529.mp4/file.

⁴ O vídeo completo está disponível no canal do Youtube da Igreja: <https://www.youtube.com/watch?v=czyytsfXw3A>.

transcritos integralmente com a ajuda do *software InqScribe*⁵, dentro de normas propostas adaptadas do Projeto NURC (KOCH, 2004).

Para esta análise, selecionamos apenas metáforas multimodais relativas à Teologia da Prosperidade e emergentes nos sermões oferecidos por esses oradores, pois, nesse momento dos cultos, a câmera está focada quase exclusivamente na figura deles. Assim, após a transcrição e o levantamento prévio das metáforas verbais, procedemos à observação, ao levantamento, ao registro temporal (via “captura de tela”) e à descrição dos gestos que as acompanham.

A descrição dos gestos seguiu o padrão utilizado por Miranda e Mendes (2014). Essa classificação focaliza três aspectos do gesto: i) **direção**, que pode ser ascendente, descendente, para a esquerda, para direita e para o centro; ii) **configuração das palmas das mãos**, que pode ser para cima, para baixo, entre outras. Outros gestos corporais relevantes, como a posição do corpo e as expressões faciais, também estão inclusos.

Também foram observadas combinações entre formato da mão e do antebraço, tal qual sugeridas por Kendon (2004). Os tipos utilizados pelo autor são: i) **mão aberta neutra**, cuja palma da mão encontra-se em posição vertical; ii) **mão aberta supinada**, cuja palma da mão situa-se em posição para cima; iii) **mão aberta oblíqua**, cuja mão encontra-se em posição inclinada (KENDON, 2004).

Na descrição de alguns gestos de caráter dêitico, foi considerado o movimento do gesto, que, de acordo com Bühler (1990), vai de um ponto de origem até um alvo, através de uma trajetória em linha reta. Esse tipo de gesto possui, segundo o autor, um caráter referencial, conectando um lugar de origem ao lugar do objeto referente.

Após a descrição, foi realizada a análise quantitativa dos dados. Nela, os gestos foram subdivididos em categorias de tipos gestuais, segundo a direção do movimento realizado por eles. Desse modo, valemo-nos de categorias, como “gesto ascendente”, “gesto descendente”, “gesto para frente” e “gesto lateral”, além de categorias para os gestos que possuem duas direções conjugadas, como “gesto ascendente periférico” e “gesto ascendente para frente”.

Apenas uma das categorias criadas não seguiu exatamente o critério de direção do gesto para a classificação; trata-se do tipo gestual intitulado “gestos para frente de oposição (em pares)”. Esse tipo gestual diz respeito a gestos que, embora a direção seja igual, para frente, são

⁵ <https://www.inqscribe.com/>

acompanhados por dois movimentos corporais seguidos e contrários, um para um lado e outro para outro. Dessa forma, cria-se uma oposição entre um par de gestos que, nos casos estudados, acompanha a oposição realizada metaforicamente na fala do orador.

A verificação de frequência comparece como critério relevante para a análise qualitativa das metáforas multimodais, considerando que a recorrência desempenha importante função retórica de manutenção de determinada mensagem/informação na memória discursiva (MARTINS, 2015, p. 27). Por isso, tipos gestuais cuja frequência era baixa, isto é, com razão de 1:1 (tipo gestual/ocorrência), foram desconsiderados nos resultados, por não representarem dados significativos quanto à relevância.

Por fim, a análise qualitativa dessas metáforas visou compreender possíveis efeitos de sentido obtidos junto à conjugação das duas modalidades, com base em nosso vasto arcabouço interpretativo. Por isso, além de discutir o papel das metáforas multimodais como estratégia textual-interativa na retórica neopentecostal, ainda buscamos entender o motivo da maior recorrência de algumas metáforas acompanhando os mesmos tipos gestuais.

Metáforas multimodais na retórica neopentecostal: frequência e efeitos

Os dados da modalidade visual foram tabelados considerando o tipo de gesto utilizado e a sua frequência em cada culto, e, a partir disso, dois gráficos foram gerados. Não foi possível comparar diretamente a frequência de utilização de gestos entre uma igreja e outra devido aos tipos gestuais utilizados em cada um dos cultos serem, em sua maioria, muito distintos. Entretanto, os resultados obtidos apontam para uma alta frequência desse recurso nesses ambientes.

Ao todo, observamos 115 ocorrências de metáforas multimodais relevantes, com 72 ocorrências no culto da IURD e 43 no culto da IIGD. Essa diferença deve ser considerada diante da duração de tempo dos sermões: 40' no culto da IURD e 27' no culto da IIGD. Outro fator para explicar tal diferença reside no critério de relevância anteriormente exposto, pois o sermão da IIGD possui maior variedade de tipos gestuais, havendo distribuição de ocorrências de forma mais fragmentada.

Como podemos notar no Gráfico 1, os tipos de gestos mais recorrentes no sermão da IURD correspondem ao “gesto descendente”,

ao “gesto central” e ao “gesto ascendente”. Já em relação ao culto da Igreja Internacional da Graça de Deus (Gráfico 2), os tipos gestuais que apresentaram maior frequência foram o “gesto ascendente”, o “gesto descendente” e o “gesto para frente”. A partir disso, pode-se constatar que os resultados de ambos os cultos convergem, em certo ponto, quanto à recorrência maior dos gestos ascendentes e descendentes.

Gráfico 1 – Frequência de tipos gestuais (IURD)



Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 2 – Frequência de tipos gestuais (IIGD)



Fonte: elaborado pelos autores.

Do ponto de vista qualitativo, optamos por observar cada um dos tipos gestuais acima quantificados, a partir da análise interpretativa das metáforas verbais, destacadas em **negrito** nas transcrições, em dois excertos, um de cada culto registrado. Em relação ao sermão da IURD, observemos o seguinte exemplo:

- (1) Quando a criança recebe **ou a pessoa recebe** (I)... **a natureza humana recebe** (II) **a palavra de Deus** e **se inclina** (III),

e se entrega (IV), e se rende, e se submete, e se sujeita a ela... então o Espírito Santo vem... e envolve aquela criatura (V) e faz... com que ela nasça de novo (VI)

A primeira expressão metafórica a ser observada é “recebe a palavra de Deus”. Essa expressão aponta-nos para o mapeamento EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTAINERS DE SIGNIFICADOS, já levantada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), um dos aspectos da metáfora do CONDUITO. Nesta, o locutor coloca ideias (objetos) em palavras (contêineres) e as envia (por meio de um conduto) para o interlocutor. Calcada nessa metáfora conceptual, na expressão metafórica em questão, a palavra seria um contêiner repleto de significados, que Deus envia e seus fiéis recebem. Essa metáfora vem acompanhada por um gesto do tipo descendente, como podemos observar na Figura 1:

Figura 1 – Gesto descendente no culto da IURD



(I)



(II)

Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: Gesto descendente, ambas as mãos abertas neutras, uma paralela a outra. Movimento partindo do objeto, que está em posição superior, para o referente, que está em posição inferior.

Essa trajetória descendente indica a posição superior do contêiner de onde parte o objeto, ativando também a metáfora conceptual MAIS É PARA CIMA. Reforça-se, com ela, a posição superior de Deus, atribuindo um *status* de divino ao significado da palavra recebida.

Além dessa expressão metafórica, outra encontrada no fragmento (1) é “se inclina, e se entrega, e se rende, e se submete, e se sujeita a ela”, a qual coocorre com um repetido gesto também descendente. Diferentemente do anterior, este é acompanhado pela inclinação do corpo do orador para baixo. Essa cena pode ser observada na Figura 2, a seguir.

Figura 2 – Gesto descendente acompanhado de inclinação corporal



Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: Gesto ascendente, ambas as mãos abertas neutras, uma paralela a outra; e corpo em movimento inclinado (13'58”).

A inclinação corporal, além de reforçar o gesto descendente, garante uma modalidade visual para a mesma significação de redenção e de servidão das expressões metafóricas verbais. Avigora, portanto, o caráter dogmático de aquiescência e obediência de um fiel a Deus, condição elementar à prosperidade nesses ambientes.

A expressão metafórica seguinte, “o Espírito Santo vem e envolve aquela criatura”, além de oferecer uma nova cena à condição de redenção e submissão trabalhadas pelas metáforas anteriores, atua como um tipo de metáfora ontológica muito potente nesse contexto: a personificação (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Essa metáfora verbal é fundamental às noções de amparo e de proteção, essenciais à Teologia da Prosperidade e à “sociedade com Deus” (MARTINS, 2011), e vem acompanhada por uma sequência de gestos: um ascendente, um descendente e um central, respectivamente.

Essa sequência pode ser observada na Figura 3, a seguir.

Figura 3 – Gesto ascendente, descendente e central



Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: a) Gesto ascendente, ambas as mãos abertas neutras, uma paralela a outra (apontando para o referente que está acima) (14'10"); b) Gesto descendente, ambas as mãos abertas neutras, uma paralela a outra (14'14"); c) Gesto central, ambas as mãos supinadas, uma paralela a outra (14'15").

A sequência gestual inicia-se com um dêitico apontando para o lugar superior do objeto, a saber, o Espírito Santo. Na sequência, o gesto descendente vai da posição superior, apontada anteriormente, para a posição inferior do referente, acompanhando o item verbal “vem”. A trajetória, então, é finalizada pelo gesto central, com as mãos já aproximadas quando emerge a expressão “envolve aquela criatura”, bastante simbólico ao remeter ao ato de segurar uma criança pequena.

Essa metáfora reforça bastante a possibilidade oferecida a um fiel de se submeter ao desígnio divino e de ser acolhido, remetendo ao conceito de Segundo Batismo, um dos pilares da Teologia da Prosperidade, o qual é responsável pela ideia de um renascimento em vida de uma pessoa, condição mandatória para obtenção da prosperidade.

Não por acaso, a expressão metafórica (VI), “nasça de novo”, dá continuidade à proposta engendrada anteriormente e emerge junto a um gesto central, finalizando-o com o ato de entrelaçar os dedos (Figura 4), sugerindo conclusão de um processo, como o do Segundo Batismo.

Figura 4 – Gesto central e enlace dos dedos



Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: Gesto central, ambas as mãos, entrelace dos dedos das mãos (14'19").

No excerto analisado, as metáforas multimodais observadas definem com clareza o percurso, ele próprio metafórico, da adesão ao sistema de crenças adotado por essa igreja à conclusão dele, simbolizada pelo Segundo Batismo. A conceptualização metafórica multimodal desse

desenlace é importante para além do efeito de sentido mais imediato, pois a crença sobre o Segundo Batismo remete a uma condição de melhoria geral nas dimensões materiais e psicológicas da vida de uma pessoa, como consequência da aproximação com o sagrado pelo caminho oferecido por esses líderes.

Isso possui grande eficácia quando lembramos que o público-alvo dessas igrejas é, via de regra, composto por pessoas desassistidas pelo Estado e, assim, vivendo contextos de violência, baixa escolaridade e desamparo financeiro (MARTINS, 2015). Essas condições materiais, por sua vez, seriam resultantes de outro pilar dessa teologia, a crença na Batalha Espiritual entre Deus e o Diabo, então responsável pelas mazelas.

Na lógica do Segundo Batismo, aqui conceptualizado pela metáfora MAIS É PARA CIMA junto à metáfora do CONDUTO, engendra-se uma hierarquia na qual se chega mais ao alto, ocupa-se posição de mais privilégios junto a Deus, por intermédio de uma interpretação específica da palavra d'Ele, a Bíblia Sagrada. Nessa lógica, por sua vez, reside a “economia sacrificial”, na qual as benesses são obtidas dentro de um modelo de sacrifício feito por profetas como Jesus ou por líderes religiosos, como o próprio Edir Macedo, sacrifício responsável pela conquista de almas para Deus vencer a Batalha Espiritual. Tais benesses, no caso dos fiéis, são traduzidas em termos de prosperidade e abundância material, pois um modelo cognitivo de discurso muito importante à Teologia da Prosperidade abriga-se no nicho metafórico⁶ FÉ É INVESTIMENTO, por nós observado em Martins (2011). Legitima-se moralmente, assim, o livre gozo no consumo dos bens materiais enquanto resultantes de uma relação direta com Deus.

Já no culto da Igreja Internacional da Graça de Deus, vamos observar a presença de metáforas no excerto (2) a seguir:

(2) Quando você é **bem-sucedido espiritualmente** (I), você o é também em todos os modos (II)... No comércio, na família, na sua vida íntima. Por quê? Porque você tem a **unção de Deus** (III). Bem-aventurado. Você será **revestido com aquela unção, aquela autoridade** (IV) pra fazer o que Deus manda.

⁶ “um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto” (VEREZA, 2007, p. 496).

A expressão metafórica (I), “bem-sucedido espiritualmente”, vem acompanhada pelo gesto ascendente, de caráter dêitico, a apontar para cima. Esse gesto é seguido da expressão de inclusão “o é também em todos os modos” (II), que é acompanhada por um gesto central, como pode ser evidenciado na Figura 5:

Figura 5 – Gesto ascendente e central no sermão da IIGD



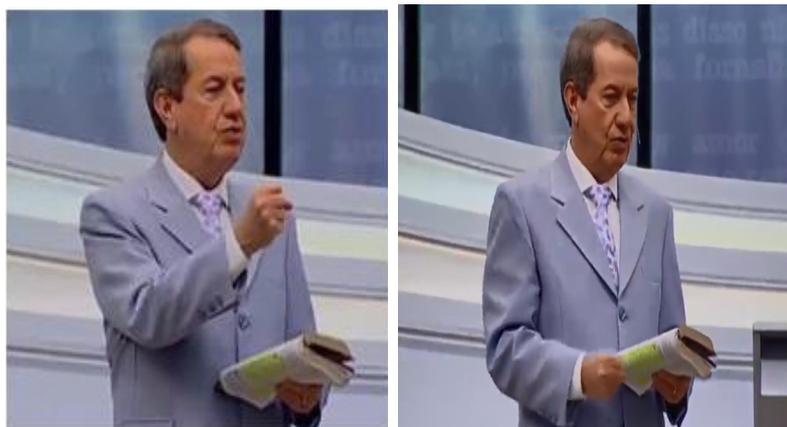
Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: Gesto ascendente, mão direita aberta supinada (02'14"). Gesto central, mão supinada (02'17").

A expressão metafórica junto ao gesto ascendente é a expressão multimodal da metáfora conceptual do tipo orientacional SUCESSO É PARA CIMA, mais específica do que no sermão de Macedo. Dessa forma, além de valorar positivamente a pessoa que é bem-sucedida espiritualmente, essa metáfora, no campo neopentecostal, também apresenta efeito dêitico ao apontar a posição superior da pessoa bem-sucedida espiritualmente na hierarquia de poder, situando-se próximo do divino, como um herdeiro de sua prosperidade. Já em (II), podemos notar como o gesto central cria uma relação de causa e consequência por meio de uma expressão de inclusão. Essas orientações formam a base da argumentação, como veremos nas próximas expressões.

A metáfora (III) corresponde à expressão “você tem a unção de Deus”, que coocorre com um gesto descendente, como na Figura 6:

Figura 6 – Gesto descendente no sermão da IIGD



Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: Gesto descendente com a mão direita fechada e depois aberta (02'25'').

A dimensão simbólica do gesto descendente, partindo de cima para baixo, remete a uma benção dada pelo divino, situado em posição superior. Há aqui uma expressão da relação direta estabelecida com Deus por meio da interpretação da Bíblia oferecida pelo Missionário, responsável por aplicar o óleo consagrado sobre os fiéis. Por isso, reforça o próprio poder de autoridade (mãos fechadas) e de transmissão da palavra divina, aspergindo autoridade sobre o fiel (mãos abertas).

Já a metáfora (III), “revestido com aquela unção”, vem acompanhada de um gesto lateral, que pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 – Gesto lateral no sermão da IIGD



Fonte: elaborado pelos autores.

Descrição: Gesto lateral contínuo (da esquerda para a direita) com a mão direita, em formato de pinça (02'29'').

Essa metáfora multimodal constrói a analogia referente à forma de a unção de Deus agir na pessoa (domínio abstrato da experiência), como um revestimento em uma parede (domínio concreto da experiência). A mão em formato de pinça reforça essa dimensão do domínio fonte, sugerindo a noção de cobertura sagrada e, assim, uma autorização e uma consagração do Segundo Batismo, dada pelo próprio Missionário. Não por acaso, a expressão metafórica “aquela unção” vem seguida da paráfrase explicativa, sob a forma de um paralelismo sintático, “aquela autoridade”. O bom sucesso só existe como consequência disso.

O gesto atua direcionando o mapeamento metafórico e, assim, as inferências realizadas pelos ouvintes, quanto à sua significação. Dessa forma, a unção emerge como uma benção dada por uma entidade divina superior (de cima para baixo), capaz de revestir o indivíduo de uma cobertura de prosperidade, fazendo dele bem-sucedido espiritualmente e, conseqüentemente, em todas as dimensões da vida material, tornando-o um “verdadeiro cristão”.

Na lógica da retórica neopentecostal, o verdadeiro cristão se tornaria uma pessoa próspera ao ocupar um lugar próximo ao topo na estrutura hierárquica de poder existente entre Deus e os homens, ganhando autoridade para reivindicação das “posses de Deus” (MARTINS, 2011) e legitimidade moral para o consumo. Tais metáforas visam construir essas referências, de modo a engendrar uma ética religiosa na qual a presença divina na vida de um indivíduo é comprovada pela presença de bens de consumo, sendo os fiéis capazes de exalar o “perfume de Jesus” (MARTINS, 2011).

Dessa forma, quanto mais alto for o grau de proximidade na relação entre o fiel e o sagrado, ranqueado pelo grau de sacrifício, mais sucesso em relação às questões financeiras ele terá direito e, conseqüentemente, mais bens poderá consumir. A exploração religiosa dos anseios seculares do público-alvo dessas igrejas é realizada em sua forma mais crua, posto que essas pessoas estão imersas em uma sociedade cujo poder de consumo é capital simbólico essencial à construção da identidade dos “sujeitos-empresa”, dos “empresários de si” (DARDOT; LAVAL, 2016).

Diante da discussão qualitativa dos dados, é possível verificar que os gestos ascendentes e descendentes, maioria no resultado quantitativo geral dos dois cultos, ocorrem junto a expressões metafóricas referentes aos dois pilares da Teologia da Prosperidade.

Quando associados às expressões metafóricas, constituem metáforas multimodais bastante apelativas do ponto de vista retórico, pois os domínios fonte (PARA CIMA, CONTAINERS DE SIGNIFICADOS) encontram nos gestos um domínio espacial bastante reconhecível, selecionando aspectos específicos dos domínios alvo (MAIS, PALAVRAS, SUCESSO). Tais gestos cumprem, portanto, papel essencial na argumentação desses oradores para convencer os fiéis a investirem na relação com o sagrado, ao oferecer recursos visuais às metáforas associadas aos pilares da Teologia da Prosperidade.

Algumas observações finais

Como procuramos mostrar, na retórica neopentecostal, as metáforas multimodais são essenciais à conceptualização metafórica de elementos bastante abstratos, associados a crenças como a Batalha Espiritual e o Segundo Batismo, fundamentais à construção do núcleo conceitual e referencial da Teologia da Prosperidade.

No caso da crença no Segundo Batismo, as metáforas multimodais funcionaram como estratégias argumentativas responsáveis para reforçar o significado da transformação ocorrida na vida dos conversos. Já em relação à Batalha Espiritual, as metáforas multimodais, em particular as realizadas com gestos descendentes e ascendentes — bastante convencionalizados e, portanto, reconhecíveis —, cumprem papel de construir a existência de uma estrutura hierárquica, na qual quanto mais perto de Deus, mais longe se está do Diabo, responsável pelo sofrimento individual ao alimentar-se das más escolhas e das interpretações bíblicas ou existenciais dessas pessoas.

No tocante à Teologia da Prosperidade, essas metáforas visam ilustrar a vida próspera e feliz a que tem direito todo **verdadeiro cristão**, após sua inserção no modelo econômico sacrificial. É estabelecida uma relação de causa e consequência entre o alistamento junto a Deus na Batalha Espiritual e a promoção ao Segundo Batismo, obtida pela moeda da fidelidade. Assim, conseguimos aqui apontar alguns processos cognitivos metafóricos prévios à formação do nicho metafórico FÉ É INVESTIMENTO, central a essa teologia. O gesto não apenas reforça as metáforas verbais em torno deste nicho, como também tem papel fundamental no direcionamento da atenção dos interlocutores, sendo importante elemento para o sucesso da argumentação retórica dos líderes neopentecostais.

Assim, cumpre apontar que este artigo visa contribuir com a agenda de estudos sociocognitivos ao: i) reforçar a importância dos estudos sobre a metáfora — lugar privilegiado para observar a relação entre língua, cognição e sociedade — sob o ângulo da perspectiva textual-iterativa; ii) redimensionar o lugar da relação entre o domínio verbal e o gestual nesta agenda quando concordamos com Vezali (2017, p. 729) que “os processos não verbais [...] atuam mutuamente com os processos linguísticos na construção do sentido”.

Por fim, se pudemos aqui aferir nossa hipótese da relação entre a emergência de metáforas multimodais como recurso de conceptualização de experiências abstratas associadas a crenças neopentecostais, indicando a elas alto grau de metaforicidade, estudos mais aprofundados poderão nos indicar dimensões internas a esse processo, como a relação de frequência entre o grau de convencionalidade de uma metáfora verbal e o emprego da modalidade visual.

Referências

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse**. New Jersey: Ablex Pub, 1997.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. O texto como objeto de pesquisa. In: GONÇALVES, A. V., GÓIS, M. L. S. (org.) **Ciências da linguagem**: o fazer científico. Campinas: Mercado das Letras, 2014. p. 137-176. 2 v.

BENTES, A. C.; ALVES FILHO, F. Apresentação. **Linguagem em discurso**, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 649-655, 2012.

BOOTH, W. C. A metáfora como retórica: o problema da avaliação. In: SACKS, Sheldon (org.). **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 53-76.

BÜHLER, K. **Theory of Language**: the representational function of language. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

CIENKI, A. Why to study metaphor and gesture? In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. (ed.). **Metaphor and gesture**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 3-26.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FORCEVILLE, C. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. In: R. W. GIBBS. **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper Row, 1974.

HANKS, W. O que é contexto. In: BENTES, A. *et al.* (org.) **Língua como prática social**: das relações entre língua, sociedade e cultura a partir de Bourdieu e

Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008 [1999].

KENDON, A. **Gesture**: visible action as utterance. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sócio-cognitivismo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300. 3 v.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 2002 [1980].

MARCUSCHI, L. A. O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-102.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, 2013.

MARTINS, E. F. M. **O percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas**: construção de sentidos na retórica neopentecostal. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MARTINS, E. F. M. **Frames neoliberais na retórica neopentecostal**: aspectos referenciais e sociocognitivos. 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MARTINS, E. F. M. A incorporação da pandemia na retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 19, p. 32-46, 2021.

MARTINS, E. F. M.; SOUZA, M. C. de. Metáfora, Contexto e Incorporação na Retórica Neopentecostal. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, v. 1, p. 21-31, 2020.

MIRANDA, M. A.; MENDES, P. H. A. A emergência de metáforas multimodais: análise da metaforização e da compressão no debate político-eleitoral. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 237-256, jan. 2014.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, M. M.; CIULLA, A. **Coleção clássicos da linguística**: Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003 [1995]. p. 17-52.

MORATO, E. M. *et al.* Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. **Linguagem em dis(curso)**, Tubarão, v. 12, p. 711-742, 2012.

MORATO, E. M. Linguística Textual e Cognição. *In*: SOUZA, E. R. *et al.* (org.). **Linguística Textual**: interfaces e delimitações. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 394-430.

SACKS, S. (org.). **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sócio-cognitivo da referência. *In*: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-168.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, jan./jun. 1999.

SALOMÃO, M. M. Luiz Antônio Marcuschi e a imortalidade do diálogo. **Revista Investigações**, Recife, v. 30, n. 2, p. 1-10, 2017.

SANDIG, B. O texto como conceito prototípico. *In*: WIESER, H. R.; KOCH, I. G. V. (org.) **Linguística Textual**: perspectivas alemãs. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 47-72.

TOMASELLO, M. **Cultural origins of human cognition**. Cambridge: Massachusetts Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Cambridge: Jean-Nicod Lectures, 2008.

TOMASELLO, M. **A natural history of human thinking**. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma perspectiva discursiva. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEZALI, P. A. Relações entre fala e gesto: a referenciação multimodal. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., 2017, Lecce. **Atas** [...], Lecce: [s.n.], 2017. p. 713-732.